



OS TENTÁCULOS MULTINACIONAIS: GLOBALIZAÇÃO E CRIMINALIDADE SOB UM ENFOQUE (ANTI)CAPITALISTA

Karina Bezerra Pinheiro*

1 REFERÊNCIA DA OBRA ANALISADA

Música: Globalização; **Artista:** Fauzi Beydoun - Tribo de Jah.

2 APRESENTAÇÃO DA BANDA E DO ARTISTA

“Tribo de Jah” é uma banda brasileira de reggae. Seus integrantes são Fauzi Beydoun, vocalista, guitarrista e compositor; Francisco Guilherme dos Santos (Frazão), tecladista; Aquiles Rabelo Filho, baixista; João Rodrigues, baterista; e Alexandro Costa Enes (Neto Enes), guitarrista.

Ela surgiu quando quatro músicos cegos (que integram a banda até hoje) e um quinto músico com visão parcial se conheceram na Escola de Cegos do Maranhão, que funcionava em regime de internato, tendo eles desenvolvido gosto pela música. Os jovens improvisavam instrumentos musicais a partir de materiais velhos que encontravam na escola, como um piano sem algumas teclas, um violão sem uma ou outra corda e uma escrivaninha utilizada como uma espécie de bateria, para marcar o ritmo. Começaram, a partir de então, a realizar pequenos shows de reggae, lambada e serestas pela cidade de São Luis, capital do Maranhão, e pelo interior do Estado.

Foi assim que, casualmente, conheceram o vocalista da banda, Fauzi Beydoun, radialista e compositor, que tinha um programa de reggae numa rádio da capital maranhense e que montou a banda de reggae. Frauzi nasceu em São Paulo, viveu durante três anos na Costa do Marfim, na África, e retornou ao Brasil como executivo de uma empresa multinacional no Maranhão.

* Graduanda do curso de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Extensionista do Programa Motyrum de Educação Popular em Direitos Humanos.

Foi com a admiração pelo ritmo jamaicano que Fauzi Beydoun abandonou seu emprego, passando a se dedicar apenas à rádio, com o objetivo de montar uma banda de reggae. Ele foi um dos grandes responsáveis pela difusão do reggae na rádio do Maranhão, pela disseminação desse ritmo que foi acolhido pela grande massa e contestado pela elite local, mas que tornou-se um dos principais traços da cultura maranhense. A própria capital maranhense, em virtude disso, recebeu o título de “Jamaica Brasileira”.

A Tribo de Jah, inicialmente inserida neste contexto maranhense de cultura do reggae e valorização do ritmo jamaicano, desempenhou o papel de difusor de questões sociais, políticas e espirituais pelo Brasil através de sua música, sobretudo para a grande massa, ensejando reflexão sobre os temas abordados nas letras de suas canções. Conquistou, por isso, um grande número de fãs, tendo espaço reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente.

3 PERSPECTIVA TEÓRICA DA OBRA

Na música *Globalização*, o compositor Fauzi Beydoun tenta demonstrar a estreita relação que existe entre o mundo globalizado e o sistema capitalista, utilizando essa relação para explicar, de maneira poética e metafórica, as mazelas enfrentadas pela sociedade, tais como a violação de direitos humanos, a criminalização da pobreza, a fome e o desemprego.

A obra crítica, sobretudo, o modo de desenvolvimento a que a sociedade moderna está submetida: baseado na exploração humana, no consumismo, na inversão de valores, na busca incessante do lucro pelas grandes empresas, na legitimação da desigualdade social pelos ‘dirigentes do sistema’ e na violação de direitos que instrumentaliza o interesse do capital.

É em razão desta crítica elaborada na obra que o fenômeno da criminalidade pode, em linhas gerais, ser explicado, pois está diretamente associado ao modo de vida imposto pelo sistema e inviabilizado pelo mesmo. É nesta contradição que residirá a reflexão proposta por este trabalho.

4 BREVE SÍNTESE DA OBRA

A obra, por meio de seus versos, põe em contraste o grande capital diante da efetivação dos direitos humanos. Mostra a incompatibilidade que há entre o mundo globalizado e a igualdade.

O autor chama de “dirigentes do sistema” aqueles responsáveis pelo progresso do grande capital, e associa as vicissitudes do povo pobre e marginalizado à atuação cega e impiedosa desses dirigentes. O povo excluído do sistema compõe, dessa forma, o grupo dos “bandidos sem identidade”, que a cada geração têm seu sangue sugado, sendo reprimidos sem direito a qualquer questionamento.

São esses dirigentes (empresários e executivos de multinacionais) que dominam e materializam o destino da grande massa excluída do sistema, de modo que essa dominação fundamentada na busca pelo lucro provoca a mazela da fome, do desemprego, da violência, do desespero. Essa grande massa excluída é a “gentalha”, que se alimenta dos restos, das migalhas que sobram da aclamada globalização. E essa globalização a cada dia se legitima por materializar seus mecanismos de alienação, quais sejam: difusão de previsões e estatísticas que prometem o que ninguém vê; que prometem o “desenvolvimento por muitas e muitas gerações”.

O desfecho da obra acontece com a demonstração de que o que se extrai desse sistema, no final das contas, é apenas tribulação, crises e instabilidades, que irão levar à quebra dele próprio. E essa quebra será vista com o desabastecimento, o racionamento, o “globo inchado e devastado com a superpopulação”, a falta de água e comida, mais intensamente nos países subdesenvolvidos.

5 PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS E REFLEXÃO CRÍTICA

A obra musical analisada aborda as dificuldades presentes na realidade dos moradores de periferia, ignorados pelo Estado e pelo sistema que o fundamenta. A descrição da pobreza a que o povo é submetido nos guetos do Brasil representa o sistema que apenas os concede o direito de não ter direito algum.

“No gueto não há nada de novo
Além do sufoco que nunca é pouco
Além do medo e do desemprego, da violência e da impaciência
De quem partiu para o desespero numa ida sem volta
Além da revolta de quem vive as voltas
Com a exploração e a humilhação de um sistema impiedoso
Nada de novo
Além da pobreza e da tristeza de quem se sente traído e esquecido
Ao ver os filhos subnutridos sem educação
*Crescendo ao lado de esgotos, banidos a contragosto pela sociedade
Declarados bandidos sem identidade
Que serão reprimidos em sumária execução
Sem nenhuma apelação”*

É partindo dessa análise que o autor chega ao foco do problema, que é muito mais do que a pobreza setorizada. É a globalização, portanto, esse foco, já que ela traz consigo os ideais capitalistas de consumismo no mundo, com vistas unicamente ao lucro e à acumulação de capital. Elbert (2009, pg. 218) define globalização como sendo um incremento dos fluxos financeiros internacionais, “associado à desestruturação dos antigos sistemas produtivos e à busca de novos regimes de crescimento e regulação econômica internacional, mediante uma concorrência sem limites, apoiada na tecnologia de informação mais poderosa da história”, e associada à ausência de um centro, de um diretório, de uma gerência geral.

Esse processo de integração econômica global trouxe modificações drásticas ao momento anterior de estabilidade de vida e condições de trabalho, provocando, assim, desocupação em massa e empregos informais:

De imediato, milhões de pessoas foram jogadas à sua própria sorte, conformando assim algo como uma massa de ‘supérfluos’, um exército de desocupados que no futuro somente poderão obter trabalho precário ou informal com ganhos insignificantes ou ocasionais. Em suma, os excluídos do sistema dificilmente podem a ele retornar naquilo que lhes resta de vida. (ELBERT. 2009. Pg. 219)

É essa forma globalizada de capitalismo, que prega o consumismo como requisito de existência, antes de qualquer outro anseio social, que provoca a inversão de prioridades. Ou seja: a fome, os direitos humanos e as condições dignas de vida passam a ser preocupação secundária nessa lógica globalizada. O mundo globalizado é aquele que enxerga unicamente consumidores, meios de obtenção de lucro, e não sujeitos de direito.

Essa maneira de ver os sujeitos acaba invertendo os valores sociais. As pessoas se confundem, agora, em decorrência desse “sistema impiedoso”, com coisas; recebem atributos

de objetos, são coisificadas. Desse modo, passamos a ser o que temos; nosso valor está diretamente associado a nossa capacidade aquisitiva, já que é ela que guia as relações sociais. O macro sistema se reflete nas relações cotidianas, guiando as relações sociais.

É por meio do entendimento de que nós ‘somos aquilo que temos’ que podemos entender a relação da pobreza (incapacidade de consumir, e, portanto, não inserção no sistema) com a criminalidade, e com a criminalização da pobreza.

Essa ideia é compactuada por ELBERT, Carlos Alberto (2009, p. 220):

Sucede que estamos em face do *homem* global, que deixou de ser *cidadão*, e hoje somente tem relevância mediante seu poder aquisitivo, sua capacidade de consumo e, eventualmente, seu desempenho como protagonista público. O contexto do homem global tem, necessariamente, um porvir caótico, sem valores gerais, cultura, nem recursos afetivos como orientação. Seus saberes precedentes para entender a crise lhe são, agora, obsoletos e inaplicáveis.

De um lado temos o sistema de consumo, guiado por leis que o regulamentam e o sustentam, e do outro, pessoas que não se encaixam no padrão de consumo, e que por isso são consideradas ‘fora da lei’, incapazes de viver nos padrões que o mencionado ‘sistema impiedoso’ impõe. Sendo assim, serão taxadas de criminosas; serão criminalizadas por serem pobres. Nada mais natural para o sistema.

A resposta encontrada para aqueles que *creceram ao lado de esgotos, banidos a contragosto pela sociedade*, que não tem reconhecida sua dignidade, é o encarceramento. O encarceramento em massa é a melhor resposta do sistema. Foi a resposta que ele encontrou para cobrir as falhas e furos decorrentes da globalização, já que ela não atende a todos.

Esse modo de enxergar a nossa realidade – de maneira crítica e sob uma macroperspectiva que interliga o geral (mundo globalizado) com o específico (setores sociais excluídos) -, muito bem demonstrado na obra em análise, dialoga bastante com os ideais Marxistas.

“Os dirigentes do sistema impõem seu lema:
Livre mercado, mundo educado para consumir e existir sem questionar”

O mundo educado para consumir e, sobretudo, existir sem questionar, representa o modo utilizado pelo sistema capitalista para maquiagem suas contradições. Disfarçar o resultado desse modelo de vida que promete o melhor a todos, mas que não oferece meios para

promover a felicidade verdadeira, de modo que as pessoas não percebam que são objetos de um interesse maior. É a ignorância da massa que sustenta os ‘dirigentes do sistema’, que, por sua vez, educam o povo para que ele não questione sua existência, não reconheça que felicidade não é sinônimo de consumismo.

Essa educação, ou ‘deseducação’ do povo se dá, essencialmente, através da televisão, que dentre os meios de informação é o que consegue atingir um maior número de pessoas. Essa ‘deseducação’ promovida pela televisão é o que Sartori apud Elbert (2009, pg. 221)

denomina de um processo de ‘estupidização global’, [...] que substituiu o ato de discorrer pelo de ver, deslocando qualquer valor cultural precedente, apagando os limites entre o verdadeiro e o falso, o ético e o imoral; mas, fundamentalmente, o real do virtual, mediante um constante consumo de passatempos.

A letra da música “Globalização” prossegue, tratando ainda sobre os ‘dirigentes do sistema’:

“Não pensam em diminuir ou domar a voracidade
E a sacanagem do capitalismo selvagem
Com seus tentáculos multinacionais querem mais, e mais, e mais...
Lucros abusivos
Grandes executivos são seus abastados serviçais
Não se importam com a fome, com os direitos do homem
Querem abocanhar o globo, dividindo em poucos o bolo
Deixando migalhas pro resto da gentinha, em seus muitos planos
Não veem seres humanos e os seus valores, só milhões e milhões de consumidores
São tão otimistas em suas estatísticas e previsões
Falam em crescimento, em desenvolvimento por muitas e muitas gerações”

Qual seria, então, a relação do mundo globalizado com o desenvolvimento da criminalidade? Em síntese, essa integração das nações, característica do mundo globalizado, que provoca um estreitamento das relações econômicas e uma perda de identidade e particularidade individuais em prol da ampliação do consumo, provoca uma resposta social mais do que esperada daqueles que se veem fora dessa lógica de existir sem questionar, de apenas consumir, por encontrarem-se excluídos do sistema que lhes negou oportunidades.

A pauperização instalada no mundo em decorrência desse processo de globalização gerou rápidos processos de concentração marginal urbana precária, os quais colocaram ao controle do sistema situações mais incontornáveis e complexas que quaisquer das conhecidas durante o século XX. Nasceu, a partir daí, uma nova gestação do espaço das cidades que o

Estado já não pode manejar.¹ Essa situação incontornável a qual os Estados estão submersos – situação de exclusão social – em razão do desenvolvimento econômico cego e irracional, tem levado, visivelmente, ao aumento da criminalidade no mundo. E não basta citar a criminalidade dos excluídos do sistema.

À parte disso, a globalização gerou um fenômeno muito mais complexo que uma mera sofisticação da criminalidade comum. [...] A magnitude crescente do delito econômico tende a apoderar-se da economia mundial, e a corrupção convencional fica obscurecida pela *corrupção macroeconômica*, sem que exista um poder regulador capaz de controlar essa massa de negócios (turvos) por cifras astronômicas, das quais dependem já as grandes economias do planeta. (ELBERT. 2009, p. 226).

É aprofundando as desigualdades sociais que o mundo globalizado segue na busca incessante pela integração e crescimento econômico.

“É a lei infeliz do grande capital,
O poder da grana internacional que faz de cada país apenas mais um seu quintal
É o poder do dinheiro regendo o mundo inteiro

*Ricos cada vez mais ricos e metidos
Pobres cada vez mais pobres e falidos
Globalização, o delírio do dragão!”*

A desigualdade social, na ótica neoliberal globalizada, é um mal necessário, algo que há que ser suportado para o bem da integração econômica mundial e para o livre desenvolvimento do mercado, tão pregado pelo sistema capitalista. Essa é a mensagem que a música “Globalização” traz em si, ensejando uma reflexão que vai além do que essas páginas podem trazer. O que seus versos dizem ensejam inúmeros debates, que não se esgotam na visão criminológica do tema.

Além do mais, vale ressaltar que o autor da obra é ex executivo de uma empresa transnacional, o que faz dos versos a transcrição de uma indignação real, cotidiana, de alguém que participou de um dos “tentáculos” da globalização.

6 REFERÊNCIAS

¹¹ ELBERT. 2009. Pg. 224.

ANTUNES, Leonardo Leal Peret; **A Expansão do Direito Penal na era da Globalização e a Criminalidade Moderna**. Disponível em: <<http://www.tribunavirtualibccrim.org.br/artigo/7-A-Expansao-do-Direito-Penal-na-era-da-Globalizacao-e-a-Criminalidade-Moderna>>

DIAS, Tiago. Tribo de Jah. Disponível em: <<http://bardamontanha.com.br/blog/tag/fauzi-beydoun/>>. Acesso em 29 dez 2013

ELBERT, Carlos Alberto. **Novo Manual Básico de Criminologia**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009

Globalização. Disponível em: <<http://letras.mus.br/tribo-de-jah/304063/>>. Acesso em 29 dez 2013.

Tribo de Jah. Disponível em: <<http://www.tribodejah.com.br/2008/beta04/?pag=a-tribo>>. Acesso em 29 dez 2013.